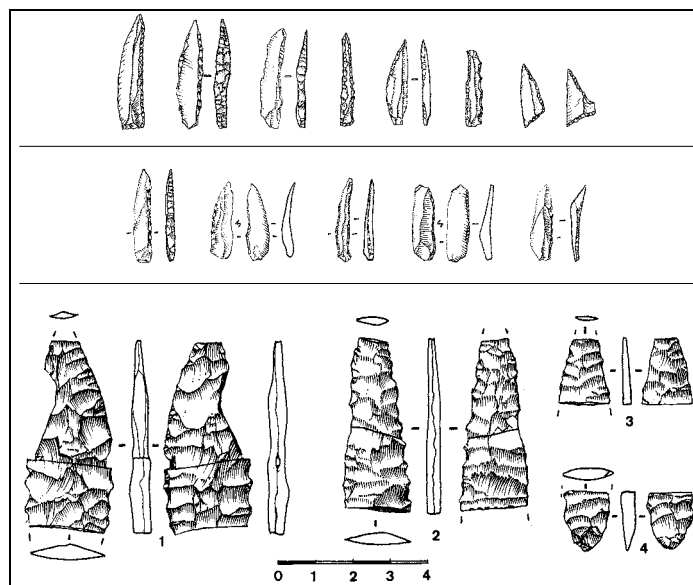


Das indústrias líticas às sociedades agro-metalúrgicas



(em cima: micrólitos de c. de 12.000 anos a 10.000 anos BP – Vale da Mata;
em baixo: folhas de loureiro – Vale da Almoinha. **Desenho:** João Zilhão)

Os vestígios hoje conhecidos acerca da presença humana no Paleolítico Superior, no actual concelho de Torres Vedras, datam de cerca de 22.000 anos a cerca de 10.000 anos BP. (*Before Present* = 1950).

A mais antiga ocupação, deste Período remonta ao Proto-Solutrense (cerca de 22.000 anos a cerca de 12.000 anos), estendendo-se até ao Magdalenense (12.000 anos a cerca de 10.000 anos), testemunhada nas seguintes jazidas: **Baío** (entre a foz do Sizandro e a Ponta da Vela, junto a Cambelas), **Cerrado Novo** (Gentias do Meio, junto à foz do Sizandro), **Cova da Moura** (junto a Cambelas), **Lapa da Rainha** (à entrada do canhão do rio Alcabrichel), **Rossio do Cabo** (na costa, em Santa Cruz), **Vale Almoinha** (junto a Cambelas) e **Vale da Mata** (junto à foz do Sizandro).

As datações efectuadas para o sítio arqueológico do Vale Almoinha são as que apresentam uma maior antiguidade na ocupação do espaço. Os vestígios correspondem provavelmente aos restos deixados pelo acampamento temporário de um pequeno grupo de caçadores, testemunhando actividades domésticas, mas igualmente relacionadas com o fabrico de pontas de sílex, para armar a extremidades das lanças ou dardos de madeira, muito utilizados na caça. A grande quantidade de raspadeiras, raspadores, facas e denticulados

permite testemunhar aquelas, enquanto as folhas de loureiro e a pontas de face plana, sugerem a presença destas.

As estações do Baío e do Vale da Mata apresentam, também, materiais líticos e cerâmica decorada, característicos do Neolítico e Calcolítico, testemunhos do uso prolongado destes sítios. Será neste período que o homem efectuará mudanças significativas no espaço, praticando a agricultura e criação de gado, o polimento e o talhe da pedra sobre lasca, bem como a metalurgia do cobre.

No Calcolítico (III.º milénio a.C.), o homem sedentariza-se, adquirindo as técnicas e condutas socioculturais referidas, e integrado-se socialmente em comunidades agro-metalúrgicas, associadas à consolidação do sistema agro-pastoril. Tal situação permitiu o desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia do cobre.

O “território” de Torres Vedras continuaria a ser apelativo para as comunidades mais recentes. A abundância de plataformas rochosas elevadas, que facilitavam a defesa, a proximidade dos cursos de água, a abundância de pedra, a grande quantidade de madeira para uso doméstico e nas construções, solos férteis, fauna diversificada, recursos minerais em abundância, boas zonas de pastagens, facilidade de navegação, ofereciam, em conjunto, condições naturais propícias à fixação humana.

Tal situação verificar-se-á na bacia do Sizandro, na ribeira de Raimonda/Serra da Sarreira, nas ribeiras de Paul e Monzebro, na serra do Varatojo, na ribeira de Pedrulhos, na ribeira dos Amiais, na ribeira da Macheia, assim como na bacia do Alcabrichel. Nestes espaços desenvolver-se-á parte do que viria a ser conhecido pelo Calcolítico da Estremadura.

Este período, caracterizado por uma hierarquização social e uma intensificação económica é o tema do próximo capítulo!

SAIBA MAIS

ZILHÃO, João, *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa* (2 volumes), Lisboa, Edições Colibri, 1997.